

JANEIRO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 18

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA»

O caso da Rússia e dos Povos Eslavos (IV) — A evolução contemporânea do mundo soviético. A Europa Oriental é de mentalidade europeia — As consequências morais e materiais da segunda guerra europeia — Efeitos da materialização do passado sobre as juventudes — Origem psicológica da disciplina draconiana policial

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA — XIII

Fatalismo e psicologia das multidões

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E A PSICOLOGIA DINÂMICA

Físico-psicologia da linguagem — A intuição

SOCIOLOGIA E PSICOSOMÁTICA — II

Os componentes caracteriológicos e os mecanismos das interações humanas — Filosofias de Platão e de Aristóteles — Da sociologia racional ao colectivismo teocrático

A CARÊNCIA DE MAGNÉSIO NO ORGANISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Sala 2
Est. 1
Tab. 1
N.º 18

VITAMINOTERAPIA

DE DEFESA CONTRA AS INFECÇÕES
PREVENTIVO CONTRA A GRIPE

Rutinicê Fortissimo

que, pela rutina, ainda constitui um meio de defesa contra a fragilidade dos Vasos, tão frequente nos acidentes congestivos dos Brônquios e Pulmões, Nariz, Conjuntiva, RETINA E CÉREBRO

Um PRESENTE ÚTIL E ECONÓMICO

para

ANIVERSÁRIOS

NATAL, PÁSCOA, ETC.

pode fazer-se com sabonetes Sanoderma

que, além de serem bem apresentados em caixas de 6 ou de 12 e de formato normal ou duplo, são bem perfumados e transformam a pele áspera em macia e aveludada. Por isso são muito úteis também para o banho dos adultos e, especialmente, das crianças.

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Psicologia e educação

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA»

O caso da Rússia e dos «Povos Eslavos»

IV

O problema da transformação da sociedade russa, para ser bem compreendido, tem de ser estudado em detalhe; é por isso que este estudo já vai no 4.º artigo. Principiámos pelo estudo das origens antropológicas dos eslavos e pelos meios de russificação de vários povos, muito diferentes, que constituíram o conjunto euro-asiático da U. R. S. S. Fizemos o estudo psicográfico dos povos eslavos (incluindo o estudo psicológico e temperamental de Lenine e de Estaline) e igualmente da personalidade russa em relação com o seu complexo geográfico. Vamos continuar, estudando outro aspecto:

A polivalência caracteriológica e a distorsão ideológica dos russos

No seio de um povo de cerca de 200 milhões de pessoas da raça branca, a variedade dos «tipos individuais» é facilitada pela mistura dos trabalhadores que vêm de todas as províncias. A multiplicidade das aptidões, quer mentais ou físicas, de pessoas libertas de todos os preconceitos do racismo, fornece todos os elementos necessários para as ocupações especializadas de uma gigantesca nação ultra-modernizada.

No entanto, os denominadores comuns da maioria, quer pelo que respeita à afectividade, à sintonia altruista e à facilidade de adaptação de alguns, guiada pela secundariedade emotiva dos outros, não encon-



traram uma aceitação psicológica tão adaptada, na psicologia dos outros povos vizinhos, que se transformaram em «satélites populares» depois da derrota dos nazis.

Diferenças de temperamentos, de tendências religiosas, de tradições locais ou de incompatibilidade cultural, tornavam muito difícil a reunião destes povos em uma síntese política monovalente como era desejo dos dirigentes russos. A Polónia, orgulhosamente ligada ao seu passado e ao seu glorioso martírio, os Húngaros, de cultura não indo-Europeia, a România latinizada, bem como os outros povos eslavos do Ocidente, fortemente impregnados do germanismo austríaco, os dinários dos Balcãs, a Alemanha Oriental, arruinada e brutalmente comunizada, não constituíam um complexo étnico e cultural, favorável a uma «síntese federativa», que era o plano pré-estabelecido.

É necessário igualmente ter em conta as diferenças cronológicas que existiam entre uma Rússia impregnada de doutrinas marxistas, durante uma ou duas gerações e a avalanche vermelha que esmagou a tentativa falida da criação de um mundo fascista.

Em face dos 225 milhões de soviéticos, os 100 milhões dos outros europeus socializados, formam um universo complexo, que conservou todas as suas variedades psico-étnicas (por vezes, incompatíveis entre si) com as impressões mentais, muito estáveis, das experiências históricas de cada um. No entanto, a política da «segurança socializante», adaptada às preocupações de toda a juventude, desamparada pelas misérias e sofrimentos de uma guerra e o receio de um futuro que não fosse assegurado por um «contrato colectivo», tornou-se o principal «denominador comum», próprio para esculpir uma mentalidade paneuropeia, juntando-se ao pensamento de milhões de comunizantes, no resto da Europa e para mais além, da América e da África.

Esta repartição psico-demográfica é exactamente comparável, para o «mundo socialista», à que existe no mundo cristão, ou para um mundo muçulmano (que tem igualmente, os seus tipos diversos e «desvios») e atrai o interesse, na mesma ordem de grandeza, de cerca de meio milhão de «colectivistas de raça branca».

Juntam-se assim, naturalmente, um certo número de comunidades ou de grupos humanos, mais ou menos subdesenvolvidos, dispersos no vasto «Terceiro Mundo», mas de que o grau de estabilidade dos princípios, é dos mais difíceis de definir.

Para além do Gobi e do rio Amor, em breve um milhão de chineses irradiantes de juventude, reivindicaram o absolutismo de um comunismo igualitarista integral, opondo-se assim, para o futuro, mesmo revolucionariamente, se fosse necessário, ao estado de universalismo, que foi o sonho de Karl Marx, da mesma maneira que 2000 anos antes, Cristo propunha a união de todos os povos da terra. Esta revolução,

sàbiamente deduzida e prevista por Dingemans, está já em marcha na China.

Trezentos milhões de Europeus «evolucionistas» e, praticamente outros tantos vizinhos ocidentais, mais ou menos oportunistas, deverão manejar o seu destino de Homens Brancos em face de 220 outros milhões de «irmãos de Além-Mar», preocupados com a grande massa dos sub-desenvolvidos e com a complexidade de uma América latina híbrida.

Convergências sociológicas

Qual seria o denominador comum capaz de reunir os Brancos em uma entidade, suficientemente sólida, para mobilizar as afectividades dos vários grupos, a uma escala intercontinental?

Deus deixou de ser adorado ou honrado por todos eles. O *modernismo* destruiu interesses comuns, culturais e artísticos. A própria Vida perdeu o seu carácter sagrado, quando as fontes da procriação, por razões económicas, certamente imperiosas, são reduzidas a um nível de um antagonismo, que é necessário dominar, quer seja por produtos químicos ou outros meios ou pela proibição pura e simples da expressão sexual mais profundamente humana.

A Ciência poderia tornar-se no novo Deus do homem civilizado, uma religião do Saber, de que o «tecnicismo» fosse a liturgia? — O saber tornou-se necessariamente um domínio público idêntico para todos, porque uma *verdade científica*, não pode, pelo seu objectivismo, ser modificada por qualquer ideologia, quer seja ou não religiosa. Sem dúvida, os sábios descobriram muitas coisas; no entanto, o culto da máquina arriscar-se-ia a tornar-se diabólico, se uma ética rigorosa não tivesse de enquadrar a força, quase ilimitada, do homem moderno. Senhor do átomo e do foton.

Alguns povos socializados organizaram uma moral natural, baseada sobre o humanismo puro. Outros ficarão profundamente ligados às suas crenças religiosas; mas em todos os casos, nunca seria viável qualquer coesão internacional sem a aplicação fundamental da tolerância no amor.

A caridade pura, ensinada pela primeira vez nos evangelhos, ou a filantropia voluntária, proposta pelos liberais, ou a camaradagem obrigatória da doutrina marxista, tem de se sentir, para que se possa construir um ideal pacífico da consciência de uma humanidade baseada sobre o culto da fraternidade.

A evolução contemporânea do mundo soviético.

A Europa Oriental é de mentalidade europeia

Penetrando nos diversos países do mundo eslavo, o viajante da Europa Ocidental, nunca se encontra deslocado. Verifica-se imediata-

mente que se estabelece uma simpatia humana entre a maior parte dos seus habitantes e sente-se um ambiente estritamente europeu, ligado à nossa civilização comum.

Até aos confins da União Soviética, domina sempre o tipo europeu nórdico. Alguns conhecimentos da língua russa mostram-nos, por muitas palavras ligadas às raízes latinas e germânicas, anglo-saxónicas, até que ponto o *eslavo* pertence ao grupo indo-europeu; o francês, mais tarde, começou também a assimilar-se à sua língua.

Apesar da descristianização realizada pela revolução bolchevista, a arquitectura greco-latina é a mais considerada, mesmo nos edifícios modernos e se, na Rússia, a maior parte dos templos religiosos foram desafectados à religião, não sucedeu o mesmo em outras repúblicas soviéticas, em que as igrejas continuam ainda nas mais pequenas aldeias.

Pela sua maneira de vestir e de viver, as suas distrações, os seus interesses familiares ou privados e o seu comportamento na vida pública, bem como dentro das suas casas, o homem soviético está mais próximo de um camponês americano autêntico (muitas vezes da mesma origem étnica) do que este de um compatriota de cor.

Houve um elemento, sobretudo, que marcou psicologicamente e uniu entre si as gerações de todos estes povos russos, eslavos, húngaros, romenos e de outras minorias étnicas; foi o abalo que lhes trouxe a guerra, que foi ainda mais abominável em todos os países orientais do que no nosso Ocidente. Todos estes povos sofreram o martírio e foram obrigados a sacrificar milhões dos seus jovens, que ali morreram ou ficaram inválidos para sempre.

As conseqüências morais e materiais da segunda guerra europeia

Quando, em Dezembro de 1941 as tropas soviéticas conseguiram parar a invasão nazi às portas de Moscovo, de Leninegrado, de Estalinegrado e do Cáucaso, a União Soviética estava amputada em dois quintos da sua população, espoliada dos produtos das suas terras mais férteis e privada de metade dos seus recursos industriais e de uma grande parte das suas matérias-primas. Sobre uma superfície 5 a 6 vezes maior do que a da França, as suas grandes cidades estavam reduzidas a escombros e a maior parte das aldeias tinham sido reduzidas a cinzas.

Dos três milhões de pessoas cercadas em Leninegrado, um milhão morreu de fome, e Estalinegrado, que passou a ser Volgagrado, simbolizou a cidade mártir, a heroína da maior batalha humana de todos os tempos.

Os outros países do Oriente também não foram poupados: todas as suas capitais foram mais ou menos saqueadas e verdadeiras massas humanas foram deportadas ou liquidadas. Nos campos de concentração,

grupos inteiros (Baltas, Judeus, Ciganos, Alemães do Volga, etc.), foram suprimidos ou, depois, deportados. Em certas fases da guerra, as vinganças, de um e do outro lado, não poupavam mesmo as crianças. Mas entre centenas de milhões de Europeus supliciados, estas dezenas de milhões de jovens mortos nos combates e estes milhões de vítimas civis, a Polónia foi com certeza, a nação mais trágicamente sacrificada e, entre os seus habitantes, os judeus polacos foram vítimas da repressão mais odiosa, que foi até ao extermínio.

Os reflexos psíquicos, muito secundários, próprios do temperamento dos polacos, exprimem-se no título de um livro com horríveis manifestações macabras e que teve grande expansão: — «Nunca nos esquecemos». — As outras nações, eslavas, balcânicas e, sobretudo, da União Soviética, parecem *desejar fazer esquecer* a lembrança destes pesadelos que atravessaram.

Compreende-se pois que todos os povos socializados pela avalanche vermelha do princípio de 1945 que, ao mesmo tempo, os libertava da escravidão nazi, os deixassem impregnados de medo e desconfiança que sentiam para com o mundo ocidental, mesmo que fosse aliado, países de que os novos e os que foram educados entre ruínas e misérias, só têm um conhecimento muito vago; em geral, consideram-os como inimigos, idea que os políticos bolchevistas fazem por manter no seu espírito.

Nas modificações de fronteiras, várias nacionalidades foram sacrificadas e algumas populações sentiram-se abandonadas. A implantação de uma ideologia comum estava longe de construir e consolidar uma unidade constituída por étnias tão diferentes dos seus costumes seculares, tão variados.

Se nos elementos jovens era mais fácil a adaptação a novas formas de disciplina moral e económica, a ligação às suas religiões diferentes e as recordações, ainda recentes, da primeira guerra mundial, junto ao receio de um futuro internacional muito incerto, atormentavam intensamente as consciências das pessoas mais idosas.

É no entanto incontestável que, no meio de tantas tragédias, a luta pela vida, deixada às iniciativas pessoais, com o desequilíbrio dos esforços que comporta e o choque inevitável entre as diversas influências étnicas, geravam graves riscos de anarquia.

O trabalho organizado no sistema de um «colectivismo sistemático», permitiu a estas nações atenuar durante vinte anos, os principais feridas morais resultantes da guerra, tanto sob o plano material aparente, como no equilíbrio psicológico dos indivíduos, sobretudo no campo da saúde física e mental das novas populações.

Continuaremos a desenvolver este estudo, em outros artigos, dos quais o primeiro estudará o «Problema da Reabilitação e da reconstituição da Europa Oriental» e «Os efeitos da materialização do passado sobre as juventudes».

Como é que se pode conceber que um indivíduo, de uma natureza apaixonada, ou mesmo um grande emotivo primário, se pode tornar em um *fanático*, ou como uma massa de apáticos, preguiçosos e desconfiados, como a maioria das populações norte-africanas se podem caracterizar por uma «mentalidade social» tão bem afinada?

A resposta é que isso resulta do facto de que uma multidão (ou mesmo uma colectividade organizada ou um grupo disciplinado, como um exército) não pode ser entusiasta ou fanática por si própria a não ser que tenha consigo alguns indivíduos, ou eventualmente um só (conductor de homens, «meneur») que seja capaz de lhes comunicar a sua personalidade.

Nos grandes movimentos das multidões, aparentemente espontâneas, encontra-se *sempre* alguém que principiou a orientá-los e a reacção propaga-se, de pessoa a pessoa, por contágio físico.

É assim que os «meneurs» profissionais sabem utilizar a sua habilidade, conseguindo arrastar uma multidão de espectadores passivos, até um grupo que pode ser levado aos maiores excessos, mesmo crimes.

Os povos eslavos

Como dissemos nos artigos em que temos desenvolvido este estudo, ele é muito complexo, porque a U. R. S. S. é constituída por uma grande variedade de raças e de povos, cada um sujeito a características especiais. O grande trabalho que tem sido feito por vários reformadores para tentarem aglomerar todos aqueles povos em uma nação, ligados entre si apenas por princípios de propaganda idealista, tem tido grandes dificuldades e por vezes tem de ser realizado com violência. No entanto, para compreender o estado psicológico do povo russo actual, o estudo feito pelo Professor Dingemans que temos transcrito e comentado, tem-nos dados elementos de apreciação de grande valor, pois julgamos que é o mais completo que se tem realizado.

Continuamos a desenvolver cada um dos problemas que o Professor Dingemans estudou naquele país.

Reabilitação e reconstituição da Europa Oriental

Quando se visita a *Europa Oriental*, o visitante fica surpreendido pela magnificência das cidades. Belgrado, Sofia e Bucareste transformaram-se em grandes metrópoles modernas em que, ao lado de enormes conjuntos populares dos arrabaldes, os centros administrativos e comerciais das cidades, foram reconstruídos nos estilos clássicos e embelezados dos grandes países ocidentais.

Todas as cidades búlgaras estão em reconstrução; mas na România, na Hungria, na Checoslováquia e na Polónia, as cidades, as vilas e as aldeias guardaram exactamente o estilo artístico e pitoresco que tinham antes da guerra, tendo melhorado no seu aspecto de limpeza e organizado grandes parques floridos, de passeios e construções de interesse social, dos quais alguns são notáveis.

Os campos são ricos e risonhos; as indústrias, especialmente na Checoslováquia, desenvolveram-se consideravelmente. Budapeste e Praga, bem como Leninegrado, Kiev e grande número de cidades da Rússia Central foram reconstruídas, exactamente com o aspecto que estas cidades, ricas sob o ponto de vista arquitectural, tinham antes da guerra. Algumas construções mártires, parece serem conservadas, em alguns bairros antigos, como «troféus». Só Berlim-Oriental conservou as ruínas e o ambiente da sua trágica destruição.

Este aspecto risonho, esta população vestida normalmente, estes armazéns bem fornecidos, estes restaurantes, esta circulação automóvel, já com alguma densidade, dão uma imagem turística actual que deixa uma fraca ideia do que podia ser, até 1960, a pobreza, a austeridade, a tristeza e o silêncio que mostravam aos raros visitantes, muitas destas regiões. Sem dúvida, o progresso crescente destes países, é uma realização recente e esta é uma razão para que um contacto mais íntimo se possa amplificar e estender-se, porque ele prova que, sejam quais forem os dramas históricos, as crises económicas, demográficas, políticas ou filosóficas com as quais um grupo humano deve organizar a coragem, a disciplina colectiva, a perseverança, ou seja, a energia no trabalho, podem dominar as ruínas e os massacres mais catastróficos.

Sob este ponto de vista, a Polónia e o seu povo, o mais martirizado da Europa, têm direito à nossa admiração e ao nosso respeito. Neste Estado, como em alguns outros, nota-se que, mesmo a ruptura com os usos e a organização social e política de antes da guerra, nunca se destruiu a ligação ao seu passado histórico nem a qualquer aspecto que possa fazer renascer a nacionalidade que eles sentem desde as origens seculares da sua formação.

Hitler tinha querido suprimir a Polónia do mapa das nações; os nazis levaram dois meses a dinamitar inteiramente uma cidade tão grande como Varsóvia e isto feito com uma minúcia tipicamente germânica, encarniçando-se sobre os motivos susceptíveis de recordar os antigos habitantes deportados ou encurralados como gado, expostos às intempéries, sem abrigo nem roupas. Hoje, porém, o centro histórico de Varsóvia, cercado por vários bairros modernos e reconstruído com todos os seus detalhes arquitecturais e artísticos, simboliza a ligação de uma consciência colectiva com as recordações afectivas do seu passado. A esperança em uma independência futura mantém-se inalterável.

**Efeitos da materialização do passado
sobre as juventudes**

O que é notável é que o jovem cidadão comunista não tem de maneira alguma a impressão de ser verdadeiramente diferente dos seus antepassados, seja no plano das tradições culturais ou religiosas, conservadas por muitas famílias (com excepção na União Soviética), quer seja nos planos de reconstituição das suas cidades, segundo o seu estilo histórico ou clássico, ou da sobrevivência do teatro folclórico, da recordação dos grandes homens da nação e das obras da literatura antiga.

Estes jovens apreciam, sem dúvida, a segurança social, o apoio económico da colectividade nos seus estudos e na sua formação profissional, mas, como na maior parte dos povos do mundo, já não sente inteiramente o pesadelo da última guerra. Eles voltam-se inteiramente para o futuro e a adesão do seu espírito à alma do «partido» que é o seu protector, é animada, não pela experiência de um passado recente, já diluído no seu espírito, mas pelo medo que os «inimigos vindos do exterior» venham comprometer os sucessos projectados para o futuro, e sob as bases da glória histórica que a propaganda lhes faz crer e que a reconstrução do país faz reviver.

Para a elaboração do futuro é necessário ainda deixar decorrer o tempo de uma certa «evolução afectiva», antes que os jovens de todos os países possam libertar-se de um conceito de distinção entre o «Ocidente» e o «Oriente», para «aquém e para além da Cortina de Ferro», para ser possível elaborar uma síntese das experiências feitas de ambos os lados e que não seja perfeitamente condicionada pela psicologia da guerra.

Na realidade, a procura do apaziguamento pessoal de cada indivíduo, na sua actividade profissional e nas vantagens da técnica moderna, tanto como a necessidade de um ideal moral, confessional ou socializado, pode ser criado para todos os seres humanos.

Os homens, pelo menos os Europeus, têm necessidade de limitar a sua existência, em relação ao espaço e ao tempo, apoiando-se sobre «pontos de reparo», ainda que sejam convencionais. Reconstituindo os seus ambientes da Renascença ou Baroco das suas cidades destruídas, restaurando ou reconstituindo inteiramente as grandes catedrais e os conventos ortodoxos, decorados com os seus frescos de carácter religioso inteiramente restaurados e com os seus acessórios litúrgicos, ainda que esses monumentos só funcionem como museus, os Russos provaram inteligentemente que tinham de recrear o ambiente psicológico das gerações passadas.

Em toda a parte, os vestígios dos desastres da guerra e da revolução têm sido tão eliminados, que os jovens «pioneiros» russos, não sentem

uma nítida cisão entre o seu país de antes-da-guerra e o que se prolonga hoje no seu trabalho.

Será o colectivismo soviético uma consequência do temperamento popular?

A Rússia Eslava sente sempre o receio da «solidão», do abandono em face da hostilidade, tanto dos elementos naturais como das incursões inimigas. Temos também de contar com o temperamento racial, dominante entre as populações dos camponeses, caracterizado por uma emotividade mais afectiva do que realmente sentimental e uma certa lentidão apática na acção, apesar de possuírem uma energia física intensa.

Prever para um futuro longínquo, os recursos de que se possa dispor ou poder contar com o auxílio dos seus vizinhos em um caso de catástrofe pessoal, é uma necessidade vital perante os riscos de fome, de frio, de doença ou mesmo de morte provocada pelos caracteres climáticos e geográficos do território.

Quando se procura compreender a alma soviética, pensamos poder considerar que o espírito de colectivismo não foi um elemento unicamente imposto do exterior, como uma nova filosofia capaz de destruir as mentalidades antigas, mas julgamos que o colectivismo, considerado como uma forma de segurança social absoluta, já estava prèviamente aceite pela subconsciência colectiva.

Devemos sempre considerar, para melhor compreensão, que o «comunismo» é diferente do «bolchevismo». O comunismo, como o colectivismo são duas formas económicas ou de segurança social, enquanto o «bolchevismo» é um meio político, dictatorial, que os russos encontraram para estabelecer a sua ditadura revolucionista, necessária ao domínio do «partido».

Isto auxiliará os estrangeiros a compreenderem as tendências dos povos russos para viverem sempre em pequenos aglomerados e a indiferença para a promiscuidade, mesmo entre homens, mulheres e crianças que não pertençam à mesma família ou que tenham ainda pouco tempo de acomodação à exiguidade dos alojamentos em edificios gigantescos; a cozinha e os serviços higiénicos e de lavagens são muitas vezes comuns a muitos apartamentos.

Quando os visitantes estranham esta falta de conforto, os habitantes respondem que foi necessário, a seguir à guerra, realojar, o mais rapidamente possível, dois quintos da população. Além disso, não é violentamente, mas por hábito ancestral, que os russos, do campo ou citadinos, tiveram sempre a tendência para se reunirem em volta da mesma lareira, dormindo muitas pessoas na mesma sala para economizarem a madeira ou o carvão, nestes países de grandes frios e de longos Invernos. Além

disso, os riscos a que estas condições climáticas e as longas distâncias faziam correr os viajantes, tornavam as viagens extremamente perigosas antigamente, e a eventualidade de invasões, da pilhagem e do banditismo, forçavam as pessoas a viverem em conjunto, para compensar a sua fraqueza individual e a sua angústia à solidão, vivendo em comunidades muito estreitas e estanques.

A transposição do marxismo, pelo *pai espiritual*, como foi considerado Lenine, em proveito de esta população emotiva e hipersensível, então subdesenvolvida, que tinha de sobreviver em um território hostil, está na origem da coesão desta nação imensa, que se viu obrigada a procurar uma protecção legal e total.

Se esta satisfação de um «futuro assegurado» limita evidentemente o espírito de iniciativa nas empresas individuais e conduz o cidadão perfeitamente protegido a um estado de apatia, que chega até à despersonalização, ela chega a produzir uma desconstracção neuro-psíquica, esta serenidade, às vezes mesmo, esta beatitude confiante, com as quais a generalidade da juventude, que não tem o receio de épocas mais severas e difíceis, encara actualmente a vida.

Origem psicológica da disciplina draconiana policial

O pensamento do mundo livre sente um terror constante perante o comportamento policial e inquisidor que caracterizou a era estaliniana e que ainda hoje sentimos.

O carácter impiedoso deste período post-revolucionário, a atitude rígida, decididamente irredutível das propagandas tão tenazes como obsediantes, amedrontam as consciências, mesmo das pessoas mais progressivas e pensam como actuarão no futuro os mecanismos responsáveis pela crise paranóica colectiva do fenómeno «guardas-vermelhos» da China.

Devemos, para acompanhar o nosso raciocínio, considerar os seguintes factos: — Os rigores disciplinares impostos a todo um agrupamento humano, quer ele seja restricto ou se alargue a uma grande nação, são directamente proporcionais aos perigos que pode ocasionar uma dissidência de opinião de um indivíduo em relação aos seus compatriotas.

Assim, quando se dá um grande cataclismo de origem natural (tremor de terra, incêndio ou epidemia) ou no momento em que assistimos a grandes catástrofes resultantes de uma guerra (bombardeamentos, êxodos, fomes), a colectividade aprova a publicação de leis marciais, mesmo as mais intransigentes, como a condenação à morte dos delinquentes, execução imediata dos salteadores e a perseguição e prisão de todos os «suspeitos».

Nos casos de combate ou de cerco, por exemplo, a deserção é considerada como um acto criminoso, da mesma maneira que em um barco perdido ou durante um incêndio de um edifício, as responsabilidades vão até abater os fugitivos ou os indivíduos que pelo seu estado de terror, perturbam a evacuação ou outros meios de salvamento, a fim de evitar o pânico de uma multidão tornada histérica ou com o fim de neutralizar iniciativas inoportunas.

Quando uma nação, abatida por uma guerra, enfraquecida, entravada na sua acção, se sente vulnerável e mobiliza todas as suas forças disponíveis para efectuar a sua reconstrução, todo o desvio ou opposição pode comprometer o resultado do esforço de um grupo. Nessa ocasião as leis de disciplina impostas a todos, serão tanto mais rígidas, quanto maior for o perigo de uma acção efectiva ou psicológica contrária, por poder contrariar o esforço comum.

Sabemos que uma atitude em certo momento, provoca um estado psico-fisiológico capaz de levar o mais insignificante dos cidadãos a praticar os mais extremos actos de heroísmo ou os mais horríveis actos de sadismo.

Ora, nas revoluções, a «função bélica» pode ser perturbada pelo risco de uma desordem anárquica, contra a qual a *lei marcial* é compensadora. As duas funções combinadas podem provocar episódios dramáticos. Todas as revoluções do mundo, como as revoluções Francesa, Russa, Espanhola, ou os múltiplos conflitos da nossa história actual, provocam uma desumanização das consciências, que levam as pessoas aos excessos mais vergonhosos, a condenações arbitrárias, a deportações injustas, a grande número de vinganças pessoais e a humilhações e crueldades sobre pessoas que não têm a mais pequena responsabilidade nos crimes de que são acusadas.

A *psicosociologia* mostra que os homens se adaptam muito rapidamente a um estado de guerra, aos combates, ao heroísmo, ao sacrifício e mesmo a vários riscos de morrer e que, passado e resolvido o conflito, não se adaptam às obrigações da vida em comum.

Depois das guerras ou das revoluções, sobrevém um longo período de latência, de desorientação e de desânimo, que aflige as pessoas. Estes períodos são pouco favoráveis às alianças internacionais, bem como à confiança recíproca, mesmo entre os compatriotas da mesma nação. É o período dos estados-polícia, das demências, das crises culturais que, frequentemente, levam as juventudes a opôr-se às gerações passadas; a *espionite* é uma consequência fatal destes fenómenos de fusão e de refusão dos grupos e, mais temível ainda que o espião, «o traidor» personifica sempre um perigo mais grave.

Os países soviéticos têm seguido certamente as etapas clássicas que deve atravessar toda a colectividade em estado de evolução ou de formação. O que diverge, na forma de expressão de um povo para o outro,

é que cada um se exprime segundo o seu próprio temperamento natural, em relação com o meio ambiente, com os seus caracteres demográficos, geográficos, bem como com a sua experiência e tradições históricas e políticas. Os métodos da inquisição, aplicados sobre as populações católicas da Idade Média, por exemplo, podem ser tènicamente diferentes dos dos campos de concentração nazis, mas os mecanismos mentais que os provocaram foram os mesmos. Trata-se de processos de introversão do medo, que faz sofrer aos outros as sevícias que ele teme para si, igualmente como os povos primitivos ou antigos desejavam apaziguar o espírito do mal ou as divindades hostis, sacrificando-lhes uma vítima, animal ou ser humano, às vezes o filho mais querido.

O grande Ser Colectivo, a Humanidade suprema, deve também receber o seu culto com sacrificios e vítimas. Estaline imolou alguns dos seus antigos companheiros, da mesma forma que a juventude chinesa atacou os seus mais velhos dignitários comunistas, antes de sacrificar as esposas e os filhos dos seus antigos educadores.

Mas Jesus Cristo mesmo, realizou uma atitude de sacrificio, fazendo-se imolar constantemente, em vida e sobre o altar do seu culto oferecendo, pela Eucaristia, o seu corpo e o seu sangue. Já na mais remota antiguidade se absorvia o cérebro e o sangue dos seus heróis para assimilar as forças naturais ambicionáveis. Ainda hoje, entre os povos mais primitivos, em África, se procede da mesma forma.

Desejamos de todo o coração que a atitude actual em que grupos de homens são inimigos figadais de outros grupos de homens, possam encontrar pontos de contacto e de apaziguamento. No entanto, nas circunstâncias actuais em que o homem é o lobo do homem, temos que nos defender e à nossa civilização, aguardando melhores dias e Portugal acietou briosamente o lugar que lhe competia nesta linha de defesa.

Para melhor compreensão do estado de espírito actual e das possíveis modificações, continuaremos a estudar as modificações que as sociedades euroasiáticas, africanas e americanas estão atravessando e assim, no próximo número, continuaremos a analisar o problema, estudando «O misticismo científico».

CURIOSIDADES

● **Carteira perdida** (De um anúncio num jornal) — Perdeu-se na quarta-feira passada, na Estação do Rossio, carteira de coiro da Rússia, imitação de plástico, contendo fotografias, cartas de amor, papéis pessoais e a quantia de 6000\$00. Pede-se que guardem fotografias e cartas de amor, papéis pessoais, mas que restituam os seis contos urgentemente, por questão sentimental.

● **A verdadeira razão** — A maior parte dos incêndios dá-se porque se esquecem de pôr cinzeiros nos sítios onde é proibido fumar.

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA

Fatalismo e psicologia das multidões

XIII

Temos recebido várias cartas incitando-nos a continuar este estudo e, por isso, vamos desenvolvê-lo mais detalhadamente em alguns dos seus aspectos.

No artigo anterior estudámos o «Fatalismo em relação com os caracteres» e vamos agora ocuparmo-nos de

A mentalidade do fanatismo e a neutralização do «carácter»

Na sua «Psicologia Política», *Gustave Le Bon* diz que «A história prova que duas civilizações muito diferentes não se combinam mesmo que vivam próximas. Os povos conquistadores que puderam influenciar os outros são unicamente aqueles de quem os sentimentos, as ideias, as instituições e as crenças, não apresentam divergências muito acentuadas».

Gustave Le Bon não conhecia o carácter português, feito de séculos de adaptação, com respeito pelas ideias e religiões dos povos que descobriram e em que criaram um novo sistema de adaptação, firmado no respeito humano pelas crenças dos outros, que deu origem a um sistema de intercomunicação espiritual e, lentamente, à aceitação dos sentimentos e das instituições e mesmo à compreensão de muitos pela nova religião dos conquistadores e a numerosas conversões; estas adaptações feitas muito lentamente deram origem ao sistema pluri-racial português, que só os estrangeiros perturba, ou por não terem as faculdades de adaptação necessárias para o compreender ou por actuarem apenas na ambição de interesses materiais inconfessáveis.

Ora, desde a civilização romana, os historiadores são de opinião que os povos que tinham mais facilidade para a interpenetração com os outros, foram os Maometanos e os Cristãos Portugueses. Só os Maometanos e os Cristãos Portugueses chegaram a fazer adoptar por outras raças, isto é, por outros temperamentos, tais como os dos Malaios, dos Turcos, dos Persas, dos Índios e dos Negros Africanos, os elementos essenciais a uma civilização, isto é: — a religião, as instituições, as artes e, sobretudo, a mentalidade. Ainda hoje, em Malaca, de onde a autoridade portuguesa desapareceu há muitos anos e onde muitos falam

ainda o português do século XVIII, quando eles querem dizer que «falam português», dizem que «falam cristão», visto que os portugueses foram os que transportaram o Cristianismo para a Malásia, China e Japão.

O denominador comum que parece caracterizar verdadeiramente o mundo muçulmano, a despeito das suas diversidades étnicas é o «fanatismo».

Da mesma maneira que o espírito fatalista era um carácter pré-islâmico, em contradição mesmo com os princípios de Mahomé, pode ser atribuído a um carácter genotípico, que coincide com o tipo morfológico, ligado a uma origem centro-asiática, notável por uma percentagem elevada de sangue do grupo B, apesar das facilidades de penetração dos Semitas do grupo B serem relativamente pequenas nos extremos longínquos do Império Otomano, como no Magreb. No entanto, os Europeus colonizadores, tais como os Portugueses, tiveram ocasião de sofrer a violência e o fanatismo destes povos; por seu turno, eles também tiveram que sofrer — e duramente — a reacção dos portugueses que conseguiram afastá-los da soberania dos Oceanos Índico e Pacífico...

Sabe-se que, em certas circunstâncias, basta o exemplo de alguns indivíduos, os nevropatas, os revolucionários ou apavorados com susto, os entusiastas ou histéricos, para comunicarem às grandes multidões (segundo o processo ou a psicologia do grupo), ou uma agitação agressiva, ou um pânico, ou ainda um grande movimento de coesão.

As multidões não são sempre, como diz *Bouthoul*, tão impulsivas, sugestionáveis e cruéis como a «Psicologia das Multidões» parece sugerir. Pelo contrário, são muitas vezes amorfas, conciliantes e com desejo do «bem público». Mas não é menos verdade que existem circunstâncias particulares (apesar de serem raras) em que se desencadeia um processo evidente de hipnose colectiva, que faz perder o *contrôle* das consciências, mesmo das mais escrupulosas.

Pessoas que até há pouco tempo, eram medrosos, amorfos e apáticos, isto é, sentimentais, bondosos, indulgentes ou simplesmente egoístas, passam de um momento para o outro a praticar actos indignos ou a arriscar a sua vida, heróicamente, por uma causa, às vezes pouco compreensível; podem também actuar sãdicamente, ou por simples curiosidade de sentirem a humilhação e o sofrimento de suplicios infligidos a outros com ou sem razão, como sucedeu com os nazis.

Os jornais e o cinema contribuem muito para satisfazer esta ideia que em geral está adormecida, e que não se confessa a si próprio e que ainda por vezes é inconsciente nas profundezas do «Eu».

É incontestável que o fenómeno do fanatismo, religioso ou político, é contagioso e que a tomada de posse das consciências é um dos factores que reforçou a penetração do Islão.

Fanatismo e psicologia das multidões

O «fanatismo» será um meio caminho entre o entusiasmo próprio dos apaixonados, de uma fase de extraversão sintónica e a paranóia, em uma fase introvertida e sintónica?

A emotividade parece ser uma componente obrigatória do fanatismo, porque não se pode conceber que um não-emotivo se possa embalar até perder o *contrôle* do seu «Eu», bem como o espírito crítico.

O fanatismo é um fenómeno das multidões, porque um «Eu» isolado pode ser uma entusiasta ou um obcecado, mas continua no seu isolamento; para dar à sua própria consciência, uma nova dimensão, que é o prolongamento no espaço e no tempo, tem que sentir a aprovação do «Nós» ao seu sentimento. É assim nesta fusão do «Eu» com o «Nós» que se gera a *Força Colectiva*.

Bouthoul notou até que ponto, pelo contrário, as multidões são geralmente amorfas e difíceis de se emocionar e mover. Perante decisões de responsabilidade a tomar, como por exemplo em casos de acidentes, o desconhecido sente-se menos cobarde e encobre o medo, abstendo-se de reagir ou de tomar parte em uma acção (razoável ou não), porque tem a consciência de pensar na vantagem que lhe confere o seu direito de «estar perdido na multidão que o cerca». No seio de um grupo pequeno, o indivíduo sente-se objecto da observação dos outros e, por consequência, julgado pessoalmente por eles. É assim que se pode observar, quando um desgraçado se deita a afogar à vista de uma grande multidão, que se vê esta gritar e não fazer nada; mas se o fizer diante de um pequeno grupo de testemunhas, alguns chegam a arriscar a vida para o salvar...

As multidões são amorfas porque o seu grau de emotividade está neutralizado em parte; com excepção no caso de «pânico» (que interessa então uma reacção animal da «horda», da espécie humana ligada ao tronco comum dos mamíferos, que reagem todos da mesma forma); o medo e a emoção diminuem quando a pessoa se sente, perante um perigo, no seio de uma multidão que se julga protectora, porque se crê instintivamente que pode haver uma defesa comum do grupo, ao passo que uma pessoa só, se sente desamparada.

Estas reacções são evidentemente próprias dos homens quando combatem na guerra, em quem o heroísmo se confunde muitas vezes, nestes momentos, com o exibicionismo da coragem porque, isoladamente, a não ser que se encontre em uma situação de suicídio virtual, o ser humano raramente é temerário. Os colonizadores têm notado muitas vezes, por exemplo, a coragem dos árabes quando se juntam em grupo e a sua cobardia quando se não sentem protegidos.

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A PENAMPLA REPRESENTA O REGRESSO DA
PENICILINA A POSIÇÃO CIMEIRA ENTRE OS
ANTIBIÓTICOS MAIORES

O seu grau de eficácia
comprovativa pode
exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os cocos Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

O seu valor farmacológico
relativo pode deduzir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 800 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bilis é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Conclui-se, portanto,
*que Penampla constitui o maior dos
'antibióticos maiores'*

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas

ÚLTIMOS ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA E A PSICOLOGIA DINÂMICA

A «FÍSICO-PSICOLOGIA» E AS SUAS RELAÇÕES COM A SOCIOLOGIA

II

Já explicámos no artigo anterior, que últimamente os estudos sobre a mecânica da memória, tomaram grande desenvolvimento.

O Prof. *G. Dingemans* de Lausanne, tem-se dedicado a aprofundar estes estudos, sobre as componentes psicológicas e psicossomáticas das várias acções sobre o cérebro, de maneira a averiguar como a «físico-psicologia» esclarece os mecanismos complexos da fixação da memória e da rememoração das ideias e factos. Tratámos no artigo anterior das «Bases físico-químicas da memória» e vamos agora continuar a tratar este problema, principiando pelo estudo da Físico-Psicologia da Linguagem.

Físico-Psicologia da Linguagem

R. Husson mostrou que as diferenças de estrutura entre as «línguas flexionais» (declináveis, conjugáveis) e as «línguas sem gramática» (modulantes, como o chinês) são ligadas aos dois mecanismos cerebrais a que nos referimos no artigo anterior.

Uma língua flexional interessa uma multiplicidade de «estereotipos funcionais faringo-bucais», que implica uma multiplicidade equivalente de esquemas corporais que sòmente podem existir sob a forma de «circuitos estomatognósticos» diferenciados; pelo contrário, o pequeno número de estereotipos funcionais faringo-bucais que são mobilizados na expressão de uma língua sem gramática, interessam um universo de esquemas corporais faringo-bucais também restricto; a multiplicação das retenções memoriais, como relata *Husson*, parece exigir o emprego de «marcagens mentais» múltiplas no seio dos mesmos *meta-circuitos* a que nos referimos no artigo anterior.

As interpretações do autor, a que já nos referimos, permitem-nos, por exemplo, compreender cada vez melhor as faculdades do poliglottismo, que não são, na base, senão um trabalho de paralelismo de sinónimos. A mesma ideia, a mesma imagem, acham-se condicionadas por diferentes *circuitos somatognósticos*. Estes circuitos tanto podem passar por uma zona da *memória auditiva*, como da *memória visual* (escrita), *gesticular*, *cenestésica* (expressão globalizada dos surdos-mudos), *tactil* (alfabetos dos cegos) ou *dactil* (luva alfabética usada pelos cegos-surdos).

Estes canais diferentes levam até um ponto cerebral comum em que se dispara secundariamente, por efeito de relações condicionadas, o *significado consciente*. Husson fez pessoalmente uma experiência, manejando paralelamente diferentes linguagens, que se podiam substituir e os *diferentes metacircuitos* podem operar simultaneamente, reforçando-se mutuamente (como no caso do cego-surdo que capta as indicações significativas da mão esquerda e escrevendo simultaneamente, em Braille, com a mão direita, pronunciando ao mesmo tempo, as palavras e explicando que «vê em imaginação» as palavras escritas em preto sobre branco, concorrendo todas estas sensações para a mesma ideia que exprime.

O «paralelismo dos metacircuitos» aperfeiçoa-se com o treino e vai desaparecendo quando não se usa.

Inversamente, o significado pode apresentar-se espontaneamente à consciência, que não chega a inverter o processo para retomar no seu início o metacircuito ligado à gravação mental significante. É a palavra que sai da ponta da língua e que salta do *buraco* próprio da mecânica da memória, como nas máquinas de cartões perfurados.

Blocagens e transformações psicogêneas. — A intuição

Todos temos experimentado a triste situação da memória nos faltar de repente. Dizemos: «A ideia, a palavra de que me quero lembrar, fugiu-me de repente ... e, no entanto, ainda há pouco eu a tinha debaixo da língua! ... E, de repente, a lembrança vem repentinamente, ou em qualquer momento inesperado, ou de manhã, quando se acorda.

A ideia não saiu, na realidade, do nosso espírito, a recordação nem estava *bloqueada*. O cérebro não é, como se tem pretendido, uma espécie de psicoteca, onde a imagem, está guardada; é necessário reconstruí-la; se a recordação não vem é porque o mecanismo de reconstrução está entravado, por fadiga ou por outro circuito interferente. Mas quando o mecanismo se põe em movimento, vai desencadear uma sucessão de processos neurotônicos, que se propagam involuntariamente e inconscientemente, de uma circunvolução à outra.

Uma unidade «mnésica» (da memória) ficará mais disponível, isto é, fortemente incrustada na memória, quando a ideia ou a imagem, imprime um grande número de metacircuitos paralelos, de maneira que a fadiga ou a blocagem de uma delas, produz imediatamente a travagem nas outras. Se a monovalência de um significado mobiliza um grande número de circuitos, de forma a neutralizar qualquer interferência, o significado torna-se em *obsessão* e o circuito psicogénico continua a propagar-se indefinidamente em círculo vicioso.

Pelo contrário, quando se trata de um processo de confrontação dos diferentes «canais moduladores», as imagens gravadas podem interferir

entre si, de maneira a formar um novo complexo de metacircuitos e criar espontaneamente, novas placas memoriais. Quando um fluxo nervoso percorre pela primeira vez estas placas ou gravações, a consciência recebe umas imagens novas, que já não são reminiscências, mas invenções, resultantes da sobreposição de várias imagens.

É o fenómeno da «intuição», que dá ao complexo encefálico humano esta faculdade — que é exclusiva do homem — que é a «*função da criação*».

As teorias desenvolvidas pela *físico-psicologia* permitem compreender o trabalho inconsciente que opera o génio criador humano.

Mas o mistério desta consciência, o milagre que nos permite dizer: — *Eu penso* — continua insondável. Será o *Eu* consciente condicionado por uma tensão provocada em um ponto celular específico, pelo encontro de dois fluxos nervosos, modulados diferentemente, que provocam o dilema de uma alternativa entre duas respostas possíveis?

O primeiro acto da *microconsciência*, operado no mais primitivo dos animais cerebrais seria, na verdade, um acto de hesitação? — O primeiro acto inteligente foi, sem dúvida, o de definir um reflexo.

O interesse da *físico-psicologia* actual, é mostrar que os processos encefálicos mais complexos, parece serem fundados sobre um mecanismo de transmissão e de transformação psicogénea extremamente simples que é a «codificação dos influxos nervosos».

É a «codificação dos influxos nervosos», que constituirá o assunto do nosso próximo artigo.

CURIOSIDADES

Os que podem voar e os que não podem... — O serviço médico da Air-France acaba de tornar público, através de um estudo elaborado pelo dr. Lafontaine, quais as doenças que não permitem que se viaje de avião.

No interesse pessoal dos passageiros e no do transporte aéreo em geral, é útil, realmente, saber-se quando se deve proibir a uma pessoa que tome lugar num avião ou como não deve recetar a viagem aérea, por sofrer desta ou daquela doença.

Eis, em primeiro lugar, as doenças que impedem qualquer voo, por mais curto que seja:

— As insuficiências coronárias. — As afecções propícias à trombose vascular. — As lesões bronco-pulmonares agudas, a tuberculose adiantada ou com hemoptises. — As oclusões intestinais ou as afecções digestivas que originem a perfuração de órgãos ou hemorragias. — A hipertensão intercraniana. — As otites, mastoidites e sinusites agudas.

Finalmente, algumas daquelas doenças que, embora contra a opinião geral, não impedem uma viagem de avião, tais como:

— As anemias (com excepção das inferiores a dois milhões de glóbulos vermelhos). — Os operados ao crânio, entre a convalescença e a cicatrização. — Os operados ao abdómen, desde que a intervenção cirúrgica se tenha verificado há mais de dez

(Continua na pág. 430)

SOCIOLOGIA E PSICOSOMÁTICA

II

Estudámos no artigo anterior, como já cinco séculos antes de Jesus Cristo foi criada a «psicanálise» e como as doutrinas de Platão e de Aristóteles vieram mostrar que a «psicosomática» já existia como base das suas doutrinas filosóficas.

Depois de estudarmos a indissolubilidade do conjunto «alma-corpo» como complexo humano, estudámos o «complexo humano socializado» e, a seguir, as «realizações e ensinamentos psicossomáticos das civilizações antigas» e «budismo e hinduismo».

Vamos agora continuar este estudo, verificando as interacções humanas na antiguidade ⁽¹⁾.

Os componentes caracteriológicos e os mecanismos de inter-acções humanas

Nas Índias

Os Bramanes indianos, nos seus mitos, concebiam já as três componentes especializadas do complexo humano. A própria carta dos bramanes, do próprio Deus, era originária do cérebro de Brahma, o Deus supremo, de muitas faces; é a *componente cerebrotónica* da sociedade, o seu «tecido nobre». — Os *guerreiros* tiveram a sua origem no coração da divindade, representando a sua *força somatotónica*, a sua energia vital, fonte da força colectiva e da segurança. — As suas mãos deram origem à carta dos artesãos, dos trabalhadores, de quem depende o *equilíbrio viscerotónico da colectividade*. — Os miseráveis improdutivos, os impuros e os párias, não são considerados como pertencentes à raça humana. — Assim, é de Brahma que descende o mundo nos seus elementos componentes: — As castas dos Bramanes, dos guerreiros e dos trabalhadores.

A especialização das comunidades indianas em muitas sub-castas, que constituem uma hierarquia coerente dos direitos, dos deveres e das funções sociais, deu aos Indús uma organização material, muito vasta, da qual os sábios que foram os responsáveis que a organizaram, podem ser considerados como os precursores da sociologia.

(¹) Este estudo é baseado em um artigo do Prof. G. Dingerms, publicado na revista «Medicine et Hygiene», de Lausanne.

Filosofia de Platão

Ao analisar as tendências activas da alma humana, Platão encontrou, igualmente, os três factores fundamentais do homem, a saber:

- 1.º — O *desejo* (das coisas materiais, isto é, a procura do prazer e do conforto), que interessa a nossa *componente viscerotónica*, que deve ser controlado pelo temperamento.
- 2.º — O *coração* (fonte da energia), que deve gerar a «*coragem*».
- 3.º — A *razão*, componentè cerebrotónica, que produz a «*sabedoria*».

O equilíbrio entre as tendências de estas três virtudes, assegura a *estabilidade*, isto é, impede a desordem, as explosões e os conflitos.

A sociedade, considerada como uma extensão da alma humana, deverá ser formada à sua imagem, isto é, constituída pelas quatro castas que se sobrepõem às três virtudes e que são os artesãos, os guerreiros, os magistrados e os filósofos.

Deverá ser sempre respeitada uma certa proporção entre estas castas; senão, as rupturas dos equilíbrios sociais que daí resultariam, provocariam perturbações. Insistindo sobre a «limitação quantitativa da população», Platão pôs em evidência a importância dos factores demográficos; as modificações na densidade e na massa das populações, são geradoras das posições dos grupos sociais, que darão origem a novas estruturas.

Platão estudou, muito antes de Cristo, os mecanismos dos ciclos políticos sucessivos, que se sucedem às modificações de certo número de tipos psicológicos permanentes, já definidos pela «teoria dos temperamentos» de Hipócrates. Os justos, os ambiciosos, os plutocratas, os licenciosos e os tiranos, alternam sucessivamente na oposição psicológica das gerações.

Ao mesmo tempo idealista e perfeitamente realista, a sociologia de Platão estabelece a correlação entre o carácter do Estado e o dos indivíduos. A predominância de um destes caracteres, em uma certa época, determina a orientação política. «Os governos variam paralelamente às variações do coração dos homens». A doutrina daquele tempo está muito próxima das concepções da intercaracteriologia moderna.

Filosofia de Aristóteles

À impossibilidade de separar o homem «este animal político», da vida da sociedade, Aristóteles junta a influência do clima sobre a psicologia social.

Se Platão não tinha reconhecido à *família* o seu papel social elementar, que representava o elemento destruidor da solidariedade per-

feita, Aristóteles, pelo contrário, considerou-a como sendo a base do organismo social que constitui um verdadeiro corpo vivo.

Oposto à elaboração de uma constituição imutável, ideal, tal como a concebia Platão, Aristóteles afirma que as sociedades diferem e devem transformar-se, em conformidade com o tempo e o meio e que a mesma constituição não pode convir a povos diferentes. Da mesma maneira, realizou perfeitamente a ideia das partes que constituem uma sociedade, o que implica, inevitavelmente, uma «divisão do trabalho coordenado pelo governo e que funciona, graças a uma hierarquia». Esta hierarquia condiciona naturalmente, as relações de subordinação e de autoridade.

Ora, o mecanismo destas interações humanas depende, além dos seus elementos constitutivos (e da sua adaptação ao meio físico ambiente) igualmente da relação numérica dos seus diversos grupos e do seu número absoluto. Junta-lhe a tese da concepção de uma «limitação da população», verificando que quando um elemento do grupo cresce em número, ou o número de conjunto de todos os cidadãos cresce muitíssimo, o sistema desequilibra-se e exige já uma nova constituição; existe pois, para cada situação, um grau de saturação do poder de adaptação.

Em todos os casos, o poder de adaptabilidade é condicionado pela eficácia do concurso das funções na colaboração, isto é, na «comunhão dos pensamentos, que determina a «união das vontades».

A filosofia aristotélica reúne, de uma forma notável, o freudismo moderno, na sua compreensão do *eu ideal* no conceito da *consciência colectiva*.

Segundo Aristóteles não se pode compreender o que é o homem isolado; este animal social, se se sentir isolado, sente que está desamparado e em perigo de morte; então confia o seu *eu* a uma «assembleia», que deve ser o reflexo da sua própria imagem consciente, mas aumentada e aperfeiçoada. Esta assembleia pode estar completamente submetida a um chefe onnipotente reconhecido, que domina todas as consciências individuais, assimilando-as ao grande «ser social», que vive em si próprio. Porém se, segundo os hábitos democráticos gregos, uma multidão de homens delibera em conjunto sobre os negócios da sua «cidade», a resultante das suas decisões, fá-los actuar como se todos eles constituíssem o corpo de uma mesma consciência, de uma mesma razão.

No voto pela maioria, uma sociedade organizada na escala da sua consciência colectiva, não actua de maneira diferente a optar, por vezes inconscientemente, quando compara os prós e os contras de um impulso ou de um desejo realizável (em relação aos múltiplos elementos a considerar na actualidade e no futuro), ficando convencida de que a maioria escolheu o melhor compromisso a actuar.

Para os filósofos da Grécia antiga, o compromisso deve ser natural, isto é, baseado sobre o raciocínio lógico, e a inteligência racional, liberta de toda a mitologia ou de qualquer tradição anacrónica.

Da sociologia racional ao colectivismo teocrático

Tal como o budismo ultramístico, a moral helénica junta, em uma convergência de ideias, o carácter racionalista e não místico da filosofia chinesa da mesma época. A organização e a psicologia social do sistema de Confúcio são igualmente baseadas sobre a divisão do trabalho. As actividades individuais e, particularmente o núcleo familiar, particularmente posto em evidência na filosofia chinesa, estão diminuídos aparentemente pelo dever da veneração e da imitação do Ser Exemplar, de quem as virtudes devem servir de modelo a todos.

Tanto os Gregos como os Chineses e mesmo em certa medida os Índus, místicos ou não místicos, fundaram a sua ética sobre a «confiança nas qualidades intrínsecas do homem».

Esta confiança não era a da sociedade hebraica, que calculava que nada poderia decidir de novo sobre qualquer problema de felicidade, sem o ensino directo de Deus, já fixado definitivamente no Livro. Este ideal fundado, não sobre o racionalismo, mas sobre um autoritarismo estricto, rígido, limitado pelo medo dos castigos sobrenaturais, convinha ao *finalismo* à tenacidade da energia e da espiritualidade austera do povo de Israel.

A mentalidade judia era difficilmente assimilável pelas pessoas humildes, escravos, servos ou miseráveis, das civilizações mediterrâneas, pouco sensíveis aos oráculos mitológicos e perfeitamente estranhas ao pensamento grego. Jesus Cristo idealizou, primeiramente para eles e mais tarde para todos, em uma sociedade cristã, virtualmente polivalente, uma filosofia social, baseada principalmente sobre a caridade individual, simples, em nome do Senhor Eterno. Mostrando a incapacidade moral, a maldade ou a falta de amparo da sociedade pagã, Cristo confessava que o homem nada podia sem o auxílio de Deus. A sua teocracia era, no entanto, adaptada à situação do homem simples, Filho de Deus, feito homem, encarnação viva do Espírito, assimilável aos espíritos das almas infantis.

A seguir, no próximo artigo, estudaremos a fase cristã da sociologia da Idade Média e a sua evolução até à psicologia contemporânea.

CURIOSIDADES

(Continuação da pág. 426)

dias. — O enfarte do miocárdio, seis semanas após a trombose. — A aritmia completa da arteriosclerose. — A gravidez até ao oitavo mês. — Os anciãos e os bebês não correm qualquer risco em pleno voo.

Caso algum passageiro se mostre relutante, temendo qualquer complicação, um médico examinando-o, dirá se pode ou não servir-se das asas rápidas do avião...

(Do *Diário de Lisboa*)

A CARÊNCIA DE MAGNÉSIO NO ORGANISMO

Depois dos trabalhos de *Delbet*, a que nos referimos no n.º 15 dos «Estudos» e cujos resultados foram comunicados à Sociedade de Ciências Médicas dos Hospitais de Paris, em que demonstrou que a falta da percentagem normal do magnésio no organismo, determinava perturbações no metabolismo orgânico, vários cientistas têm estudado este problema.

Delbet já tinha demonstrado que a falta de magnésio no sangue era uma das causas do desenvolvimento do cancro, tendo especialmente estudado a percentagem dos casos em que a congestão da próstata, degenera em adenoma prostático e, em uma segunda fase, em «cancro maligno» da próstata; verificou que o tratamento pelos sais halogêneos do magnésio, como indicámos naquele artigo, contribuía para desinflamar a próstata e evitar a sua degenerescência cancerosa.

Novos trabalhos do Dr. F. L. Vichi, em São Paulo, vieram reviver os do Dr. *Delbet* e foram agora publicados na revista «Medicine e Higiene», de Lausanne, de que transcrevemos, a seguir, as principais conclusões:

«O magnésio, que representa quantitativamente o segundo *cation* do espaço intercelular, é indispensável à vida. É absorvido pelo tubo digestivo e eliminado pelos rins; espalha-se por todo o organismo, mas cerca de 90 por cento fica localizado nos ossos e nos músculos. A concentração do magnésio nos glóbulos vermelhos é três a quatro vezes mais elevada do que no soro sanguíneo e serve de *coenzima* para muitas reacções enzimáticas, o que mostra o seu papel, de importância capital, no metabolismo; daqui vem uma nova indicação terapêutica nos casos em que o metabolismo orgânico esteja diminuído.

O rim parece ser o principal órgão que regula o metabolismo do magnésio; quando há um excesso de entradas de magnésio no organismo, os rins excretam rapidamente a dose em excesso, mantendo assim a taxa do plasma nas condições normais. O alcoolismo crónico provoca uma diminuição da excreção do magnésio.

Estes estudos do Dr. F. L. Vichi, confirmam os do Dr. *Delbet* e evidenciam a importância dos sais halogêneos do magnésio em todos os casos de perturbação do metabolismo orgânico que, por seu turno, é uma demonstração de insuficiência do organismo, ou da sua decadência; por isso é necessário procurar rapidamente a causa e tratá-la.

No artigo do n.º 15 a que nos referimos, insistimos sobre a importância que a diminuição do metabolismo tem, não só na própria vida, como especialmente nas degenerescências que podem conduzir ao estabelecimento do cancro e explica a atenção da medicina sobre o problema do magnésio.



A

NEOCICLINA VITAMINADA

**Satisfaz as 4 condições de uma
boa preparação antibiótica:**

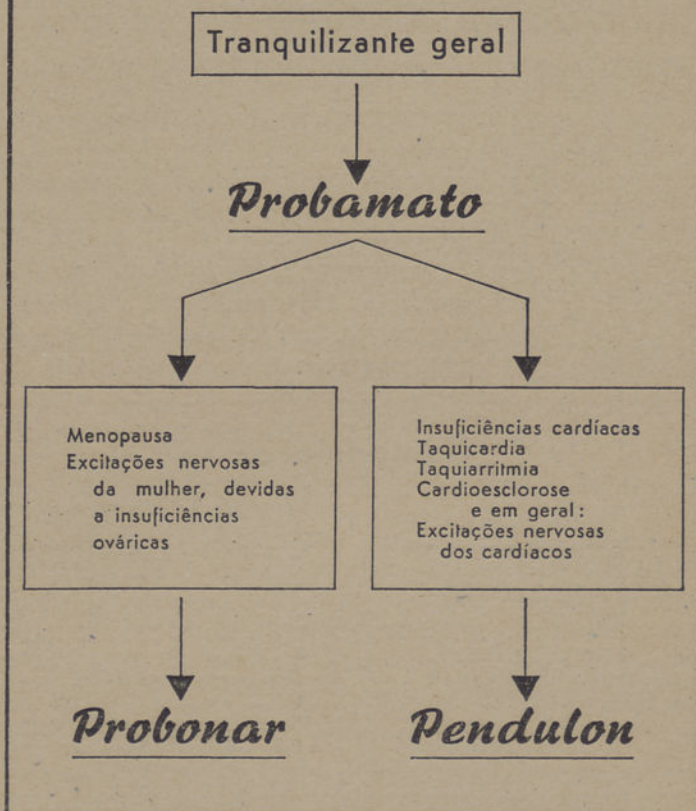
- 1.º — EFICÁCIA — Nível circulante óptimo no plasma.
- 2.º — PREVENÇÃO — Previne as alterações na flora intestinal, pela associação das vitaminas.
- 3.º — COMODIDADE — Permite, com uma só aplicação, uma medicação polivalente.
- 4.º — GARANTIA — Não contém quaisquer produtos conservantes prejudiciais.

Composição:

	<i>Cápsulas</i>	<i>Suspensão oral</i>
Cl. de tetraciclina	250 mgr.	1.500 mgr.
Vitamina B ₁	2,5 »	15 »
» B ₂	2,5 »	15 »
» PP	25 »	150 »
» B ₆	0,5 »	3 »
» B ₁₂	1 mcg.	6 mcg.
Pantotenato de cálcio	5 mgr.	30 mgr.
Ácido fólico	0,375 »	2,25 »
Vitamina C	75 »	450 »
» K	0,5 »	3 »
Excipiente com glucosamina	q. b. p. 1 cápsula	—
Pó para suspensão com glucosamina	—	q. b.
Apresentação	Frs. de 8 e 16 cápsulas	Frs. de 30 grs.

**A NEOCICLINA VITAMINADA PODE SER
PRESCRITA COM INTEIRA CONFIANÇA**

UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO



***O Probamato e as suas associações,
constituem o melhor tratamento con-
tra os diversos estados de ansieda-
de, nervosismo e excitação***